



## **COLÔNIA DE FÉRIAS NO CAMPUS: UM ESPAÇO PARA VIVENCIAR AS POSSIBILIDADES DE LAZER NA CIDADE DE BELO HORIZONTE**

**Ranucy Campos Marçal da Cruz<sup>1</sup>**

**Nayara Cristina Albanez<sup>2</sup>**

**Luiz Fernando Cardoso Alves<sup>3</sup>**

### **Resumo:**

*Este estudo tem como objetivo relatar a intervenção dos monitores da turma de 10 a 12 anos na III Colônia de Férias no campus – CFC<sup>4</sup>. Esse projeto de extensão acontece na Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG sendo caracterizado como um espaço de experimentações e vivências do lazer. Através de uma temática central: “Eu amo minhas férias em BH radicalmente!” os monitores responsáveis pela turma de crianças com idade entre 10 e 12 programaram suas atividades baseado no “O que é possível fazer em BH”. Ao decorrer da semana as crianças vivenciaram: brincadeiras de rua, atividades na natureza, praticas de clube, os futebóis, cinema e a festa infantil. Assim, a partir do que foi planejado, executado e avaliado na CFC surgiram várias reflexões que serão apresentadas nesse trabalho.*

**Palavras-chaves:** Lazer, colônia de férias, Belo Horizonte.

O presente trabalho busca relatar a experiência do grupo Programa de Educação Tutorial-PET Educação Física e Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) ao organizar e executar o projeto de extensão Colônia de Férias no Campus. Esse projeto tem como espaço para realização das atividades as dependências da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG e alguns pontos turísticos da cidade de Belo Horizonte. Essa ação tem como público alvo os filhos de professores, terceirizados, alunos e funcionários da UFMG. Na fase de planejamento da III Colônia de Férias no campus da UFMG optamos por fazer uma colônia de férias temática uma vez que concordamos com SILVA (2008), quando a autora diz que as Colônias de Férias Temáticas<sup>5</sup>, enquanto propostas educativas no lazer constituem-se como um “tempo-espaço” com possibilidades de diálogo e de transformação na dimensão cultural. Gomes (2004) nos apresenta que o lazer é uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social. Dessa maneira, pensamos um tema que possibilitasse que as crianças se apropriassem do espaço que elas estão inseridas de uma nova forma, sendo ativas na participação e construção de suas férias.

---

1- Licencianda em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Educação Física e Lazer.  
2- Licencianda em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Educação Física e Lazer.  
3- Graduando em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Educação Física e Lazer.  
4- Ao decorrer do texto quando se referir a Colônia de Férias no campus utilizaremos a sigla CFC.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação  
popular*  
Niterói – RJ  
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Assim, foi proposto o tema “Eu amo minhas férias em BH radicalmente!” com o intuito de que as crianças pudessem vivenciar práticas de lazer que tratassem a cidade de Belo Horizonte sob novos prismas. Com isso, partilhariamos com elas a idéia de que não necessariamente precisamos viajar para aproveitar o momento de férias.

A partir da nossa experiência com a aplicação dessas atividades na CFC e a partir dos estudos a cerca do lazer temos como objetivo estabelecer uma discussão com a comunidade acadêmica que possibilite o enriquecimento desse projeto nas próximas edições.

Serviu de base para esse relato de experiência um caderno de campo contendo os registros avaliativos dos monitores durante a semana de realização da colônia, as conversas diárias feitas com as crianças da turma de 10 a 12 anos e as reuniões diárias com toda a equipe de trabalho. Dessa maneira, através do diálogo com fontes e referenciais teóricos fizemos a confrontação entre o que foi planejado e o que acontecia durante a semana, permitindo as reflexões que subsidiaram a construção desse estudo.

A terceira edição da CFC aconteceu entre os dias 19 e 23 de julho de 2010 com a participação de 150 crianças que se dividiram em três turmas de acordo com suas faixas etárias: 6 e 7, 8 e 9 e 10 a 12 anos e 26 monitores dos cursos de Educação Física, Matemática e Turismo. Havia duas salas interativas, nas quais aconteceram atividades paralelas à programação das turmas para que as crianças tivessem a opção de escolha dentre as opções de lazer oferecidas na CFC.

O planejamento das atividades na CFC tiveram como base os conteúdos culturais do Lazer proposto por Dumazedier (1980), são eles: os artísticos, manuais, sociais, intelectuais e físico-esportivos e o turístico proposto por Camargo (1986).

Com a proposta de construir e resignificar as práticas de lazer da cidade onde moramos nos baseamos no processo de educação para e pelo lazer, Marcellino (1996), acreditando que esse processo pode ser verificado em Colônias de Férias quando a programação adquire um sentido que extrapola o da atividade pela atividade. Assim, na turma de 10 a 12 anos, aqui relatada, utilizamos como norteador da nossa programação o sub-tema “O que é possível fazer em BH”, trazendo em nossas programações diárias algumas possibilidades de Lazer de Belo Horizonte.

Dessa forma, a segunda-feira foi o dia das ‘Brincadeiras de Rua’, trabalhamos as atividades como bente altas, policia e ladrão, mamãezinha da rua, queimada, rouba bandeira e sete pecados.

---



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação  
popular*  
Niterói – RJ  
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Através dessas brincadeiras vimos as crianças serem provocadas, se conhecendo por meio dessas práticas e se inserindo em um tempo – espaço diferenciado, no qual a transgressão do velho em algo novo possibilitou a retomada de tradições até então esquecidas. Além disso, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer a cidade onde elas e seus familiares viveram e vivem por meio da atividade “torta na cara”, a qual abordou conhecimentos gerais sobre Belo Horizonte.

---

<sup>5</sup> De acordo com Silva (2008) a tematização de uma Colônia de Férias surge com o objetivo de implementação de processos de educação para e pelo lazer visando à autonomia e à emancipação das crianças que podem ser possíveis por meio da experiência de uma investigação temática.

Por fim, com a realização dessas brincadeiras constatamos junto às crianças a possibilidade da vivência das mesmas em outros espaços além da rua propriamente dita.

A terça-feira intitulada de ‘Atividades na Natureza’ foi importante, pois possibilitamos às crianças um contato maior com a natureza, visto que atualmente a maioria das suas atividades diárias são restritas ao ambiente urbano. Conforme DEBORTOLLI, et al 2008, isso ocorre porque as (im)possibilidades de experiências de infância no meio urbano contemporâneo vão ganhando contornos e visibilidades que se revelam, cada vez mais, pela privatização, pelo isolamento, por uma vida cotidiana cada vez mais programada e mediada pela cultura do consumo. Dessa maneira, como parte da programação fizemos um circuito de aventura que contou com balanço em árvore, rastejar na grama, falsa baiana e entrar no bambuzal. Essa atividade e a proposta de um “caça ao tesouro” pelos espaços da universidade instigou o medo e o imaginário das crianças a partir do momento que elas viram suas fantasias serem defrontadas com a realidade. A brincadeira era encontrar um elefante de pelúcia. Para isso, foi inventada uma história em que ela estava correndo perigo e que nós e as crianças precisávamos salvá-la. Entretanto, por ser um espaço público o urso de pelúcia foi furtado enquanto estávamos procurando as pistas para chegar até ele. Dessa forma, ao término da atividade nos vimos frente a uma tênue separação entre o que estávamos imaginando e o que era naquele momento realidade. Nesse momento percebemos que as crianças e os monitores estavam vivendo de fato a experiência de uma história inventada, uma vez que concordamos com Bondia (2002) quando ele diz que experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. Sentir a perda de um elefante imaginário era pra nós um exemplo vivo de que as crianças estavam sendo de fato tocadas pelo processo de busca e perda do urso. Neste mesmo dia além das atividades dentro do Campus exploramos um dos pontos turísticos de Belo Horizonte com uma visita ao Parque das Mangabeiras. Elaboramos uma trilha que contou com a dança do índio, visita ao mirante, passeio ao parque das águas e banho na cachoeira. Esse percurso foi elaborado com o intuito de possibilitá-los correr certos riscos - como não saber o que está por vir na trilha ou nadar em uma cachoeira – permitindo-os a prática do que é novo, inesperado e desafiador.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação  
popular*  
Niterói – RJ  
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

O Clube fez parte da nossa programação durante a quarta-feira, abordamos em nosso planejamento atividades diversas que podemos vivenciar em um clube: totó humano, futebol de sabão, paintball, ginásticas e atividades aquáticas. Percebemos que mesmo sendo uma prática comum a piscina ainda fascina a maioria das crianças. Isso se dá devido ao fato de que a CFC conta com a participação de crianças de diversas classes sociais, o que contribui para diferentes manifestações frente à mesma atividade. Concordamos com Marcellino (1996) quando nos apresenta que as barreiras inter-classes sociais são fatores que dificultam o acesso das pessoas ao lazer. Vimos na CFC uma tentativa de minimizar essa desigualdade, apresentando possibilidades diversas de lazer para todas as crianças.

A quinta-feira foi marcada pela proposta que nos exigiu mais cuidado ao lidar com o tema, pois optamos por vivenciar o futebol durante todo o dia, abordando diversas formas de atuação nesse esporte. Essa proposta deixou algumas crianças receosas- em sua maioria meninas- quanto ao que seria realizado no dia, visto que a maioria das vivências que elas tinham com esse esporte era a prática por si só. O desafio então era trabalhar com futebol parte da nossa cultura e presente na história de cada belo horizontino. Foi proposto que as crianças se dividissem em grupos para a confecção de seus times. Na sala interativa elas montaram o escudo, bandeira, mascote, hino e grito de guerra. Deixamos que as crianças ficassem livres para construir o que desejassem. Dessa forma, vimos o aparecimento do sentimento de pertencimento clubístico - expressão que muitos estudiosos do futebol na área das ciências humanas designam para expressar o sentimento de pertença que um torcedor tem para com o seu time de coração, atribuindo a ele valores, ideais, sonhos, histórias - quando elas ao construíram bandeiras, mascotes e escudos que faziam alusão tanto a times de futebol já existentes como também aos times que foram construídos por eles na CFC. Com isso, vimos na CFC em relação ao trato com o futebol uma programação diferenciada visto que o estudo de Nicácio (2010) traz que as intervenções com educação para o torcer são escassas, e quando feitas, em sua maioria, acontecem de forma não intencional pelos educadores. Depois da criação dos “timinhos” instigamos as crianças a torcer pelos seus times que jogariam o futebol na parte da tarde, uma vez que concordamos com Marcellino (1996) quando esse trata da assistência ao time como uma possibilidade de vivência do lazer. Assim, vimos na Colônia o que (FARIA e FONTES 2008) diz sobre o futebol: “a participação /engajamento das crianças nas práticas de futebol na cidade permite a produção de diferentes maneiras de jogar futebol- construindo práticas de apropriação da cultura”.

O último dia da CFC ficou reservado para o “Cinema” na parte da manhã e a “festa” no período da tarde. Com o primeiro buscamos resgatar a prática de ir ao cinema como uma vivência de lazer disponível e acessível em BH. Para isso, exibimos o filme: Space Jam, o qual é uma produção cinematográfica antiga que muitos ainda não conheciam. Assim, nos surpreendemos com tamanha participação das crianças, uma vez que a nossa preocupação maior era a que estávamos rompendo com o que a indústria cultural oferece atualmente sobre animação cultural e filmes infantis. A segunda etapa do dia possibilitou que as crianças usassem a criatividade para escolherem suas fantasias, além



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação  
popular*  
Niterói – RJ  
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

de ter se tornado um espaço de confraternização e retomada das atividades desenvolvidas durante a semana. Percebemos o quão importante foi esse momento ao vermos que os laços de amizade criados ao longo da semana estavam naquele momento tendo a oportunidade de serem fortificados. Com trocas de telefones, e-mails e chats eletrônicos, vimos o objetivo de continuidade da CFC perto de ser alcançado. Esse objetivo propõe que a participação na CFC não marque a vida das crianças por uma semana somente, mas que possibilite a elas viver experiências culturais que as ajudem a transformar suas realidades de forma crítica e autônoma, através do surgimento de amigos além dos da escola e de práticas de lazer além das oferecidas pelos shoppings centers e “pacotões” de atividades vendidos pelos clubes.

Ao término de cada um dos dias acima relatados, fazíamos uma pequena avaliação com as crianças, tentando também nos avaliar e compreender o que as atividades daquele dia significaram para o nosso público. Nessas avaliações diárias observamos que a maioria das crianças estavam tendo um primeiro contato com as atividades propostas, assim como não conheciam certas opções de lazer que a cidade de Belo Horizonte oferece. Diante disso, o que nos surpreendeu foi que trabalhar o imaginário das crianças permite resgatar uma infância que por vezes se encontra perdida nas atuais metrópoles.

Dessa maneira, a III Colônia de Férias na UFMG construiu junto com as crianças a percepção de que há na cidade de BH várias experiências de lazer possíveis de serem exploradas, e que elas podem ser recriadas, repensadas e usufruídas dependendo da forma como cada um participa na construção do processo de brincar.

Com isso, acreditamos na importância de projetos como o da CFC para possibilitar experiências culturais às crianças que de fato as toquem e as provoquem a buscar novas experiências e vivências que extrapolem o convencional.

### **Referências bibliográficas**

ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. Verbetes: Colônia de Férias. In: GOMES, Christianne Luce (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BONDÍA, Jorge Larossa. *Notas sobre o saber da experiência*. In. Revista Brasileira de Educação. Jan./Fev./Mar./Abr. 2002. Nº19, pag.20 – 28.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. MARTINS, Maria de Fátima Almeida. MARTINS, Sérgio. (Org.) *Infâncias na metrópole*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do Lazer – uma introdução*. 3. Ed., Campinas: Autores Associados, 2002.

MARCELLINO, N. C.; ISAYAMA, H. F. *Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2007.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
*Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação  
popular*  
Niterói – RJ  
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

NICÁCIO, Luiz G. *O torcer no futebol como possibilidade de Lazer e a Educação Física Escolar*. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Lazer / UFMG, 2010.

SILVA, Débora Alice Machado da. *Colônia de Férias Temática: fundamentando a ação a partir das contribuições de Paulo Freire*. 2008.